OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

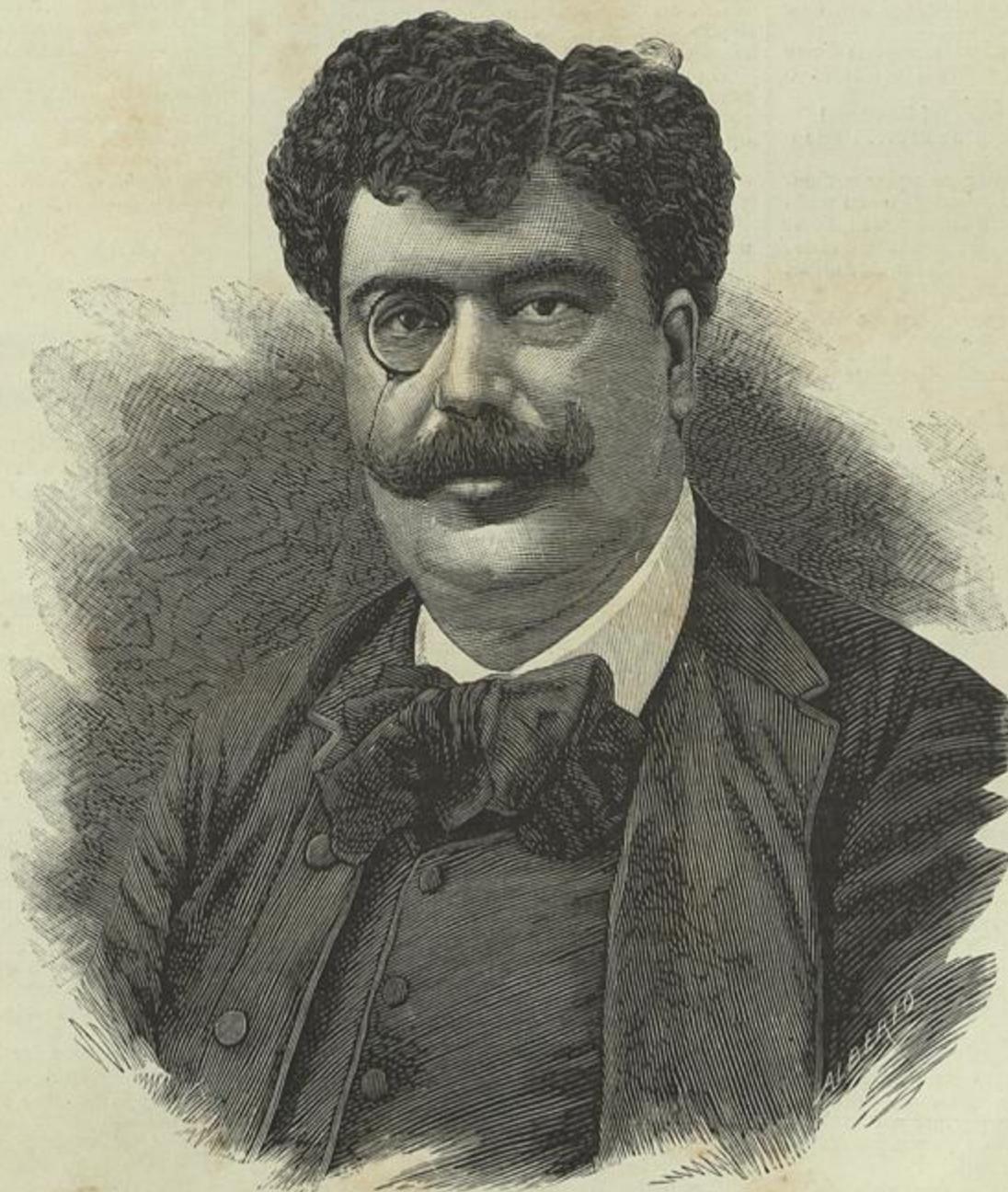
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 261

21 DE MARÇO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

GRAVURA DE C. ALBERTO (Segundo uma photographia de Leopoldo Cirne & C.ª)

CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa exulta, e tem razão para isso: — vae finalmente ouvir a Patti.

Ha que annos que este desejo se anninhára no espirito de todo o bom lisboeta que vae de vez em quando ao theatro de S. Carlos, ha que annos que ouvir a Patti era o supremo anhelo de todo o *dilettante* que se presava.

Ha tantos já, que um bocadinho mais e o anhelo supremo deixaria de ser supremo e até mesmo de ser anhelo.

O sr. Campos Valdez o benemerito dos ouvidos dos lisboetas, veio a tempo realisar esse desejo e só um emprezario lyrico como elle seria capaz de trazer a Lisboa uma cantora como a Patti.

E quando digo uma cantora como a Patti não trato de saber se ella é ainda hoje a primeira do mundo, se Vienna de Austria tem razão contra Barcelona ou se Valencia tem razão contra Madrid, trato apenas de uma cantora que tem o nome mais famoso do mundo lyrico moderno, e que sabe fazer-se pagar d'esse nome.

Mais uns annos e a vinda da Patti a Lisboa não faria metade da sensação enorme que está fazendo agora.

E que no fim de contas o tempo não passa debalde, e que não é dado a nenhuma creatura humana, por mais previlegiada que a natureza a fizesse, ser na vida como no theatro Rosina por muito mais de 20 annos.

E a Patti ha mais de vinte annos que é puplila do D. Barthalo.

Ao principio D. Bartholo chamou-se Strakosch, e guardou por muito tempo Adelina, muito melhor que D. Bartholo guardava a Rosina.

E verdade que como dizia um chronista d'esse tempo: Figaro não tinha accesso em casa: o sr. Strakosch fazia a barba a si.

Apezar de tudo isso Almaviva foi inevitavel.

E tinha mais um grausinho de nobreza que o de Beaumarchais.

Não era conde, era marquez, marquez authentico, e deu a Rosina á face da egreja o seu titulo e o seu coração. Adelina utilisou-se pouco d'esse coração, absolutamente nada d'esse titulo, e acaba de restituir-lhes em muito bom uso á face do sr. Maire, graças ao sr. Naquet.

E ainda graças ao mesmo sr. Naquet, Rosina poude dar um herdeiro feliz ao primeiro Almaviva, e herdeiro feliz e legal, que vae dentro em breve transformar Adelina Patti, ex-marqueza de Caux em madame Nicolini.

Ora apezar de n'este mundo tudo ir a correr, estas coisas todas não se fazem assim do pé para a mão, e Patti teve mesmo muito mais que fazer além d'isso, teve que fazer a sua fama, o que diga-se de passagem, lhe custou pouco com a sua voz maravilhosa e com o seu prodigioso talento de *virtuose*, fazel-a e sustental-a, augmental-a de dia para dia, o que é já mais difficil e dá algum trabalho. N'esses trabalhos todos gastou a famosa e formosa Adelina vinte annos — uma bonita cifra de dias que a rapidez da vida humana e sobretudo da vida artistica não permitte augmentar muito.

Durante estes vinte annos as chronicas lyricas de todos os paizes do mundo não tem feito outra coisa senão cantar os seus louvores, entoar os seus hossannas.

Ora não ha musica por melhor que seja que resista muito além d'esse tempo: o *miserere* do *Trovador* e a *Casta diva* da *Norma* não atravessaram esse praso sem trazerem de lá uma porção de cabellos brancos, e por isso nada admira, mais dias menos dias, comecem a apparecer rugas nas ovações da celebre Patti.

Mas por emquanto ainda não, graças a Deus.

Aquelles assobios que mesclaram as ovações de Valencia e de Barcelona não foram ainda pés de galinha na celebridade da illustre cantora: não significam de fórma alguma falta de recursos articos na cantora, significam simplesmente falta de recursos pecuniarios nos espectadores. Os cavalheiros que assobiaram a Patti em Valencia e em Barcelona não assobiaram a diva, assobiaram o emprezario, não reclamaram porque a Patti lhes désse notas de menos, reclamaram porque o emprezario lhes levou notas de mais.

Ainda não ouvimos a Patti, mas prova-nos isto o *successo* enorme que ella está obtendo em Madrid, successo que triumphou tambem da exhorbitancia enorme dos preços.

Esses preços são muito mais elevados que os preços do theatro de S. Carlos para as recitas da Patti, e em vez de operas, a celebre cantora apenas canta em cada noite tres trechos n'um concerto extremamente mediocre.

O annuncio d'esses preços e d'esses concertos produziu em Madrid tambem um effeito deploravel A alta sociedade madrilena escandalisou-se com essa exploração de emprezario, e na primeira recita da Patti houve grande retrahimento e o publico que foi ao theatro ia frio, quasi hostil.

Pois a illustre cantora triumphou brilhantemente d'essa hostilidade, o seu primeiro concerto foi um *successo* e d'ali por deante as suas recitas em Madrid foram um acontecimento enthusiastico, uma ovação constante, ruidosa e unanime.

O que será a Patti em Lisboa? A resposta não se fará esperar muito e portanto é inutil estar a estudar probabilidades para tentar adivinhal-a.

Antes d'ella cá chegar é já um successo e a prova é que para todas as cinco recitas annunciadas desde outubro não ha já um bilhete siquer.

Não nos surprehende inteiramente nada este resultado e esperavamol-o já. Para nós era evidente, era certo, que o nome da Patti encheria o theatro de S. Carlos cinco noites por todo o preço, porque cremos que ninguem, das pessoas que se importam com coisas de arte, hesitaria em frente de qualquer preço, mesmo que para isso fosse preciso um pequeno sacrificio pecuniario, para ao menos ouvir uma vez essa cantora notavel, cuja celebridade nos atordoa ha vinte annos em todos os jornaes do mundo.

Agora o que nunca imaginámos é que Lisboa ouviria a Patti n'umas recitas excepcionaes como raras vezes tem havido em todo o mundo lyrico.

Os lisboetas vão assistir a um espectaculo unico, que nunca mais poderão gosar em Lisboa, e naturalmente em nenhum theatro do mundo, nem mesmo dos mais afamados, isto é, vão ouvir o *Barbeiro de Sevilha* cantado pela Patti, a primeira Rosina que se conhece, com o Massini, o tenor unico, e com Cotogni o *Figaro* excepcional. E depois do *Barbeiro* a *Traviata*, com a Patti e o Massini.

E perfeitamente um assombro e nos annaes do nosso theatro lyrico não ha acontecimento que se pareça com este: ouvir n'uma noite, na mesma opera, as duas maiores celebridades do mundo!

O que francamente eu não sei, é o que depois d'esta epocha extraordinaria de S. Carlos, o sr. Valdez hade fazer nas epochas futuras.

Este anno tem sido um anno verdadeiramente unico no theatro de S. Carlos: temos ouvido o *Fausto* pela Devriés, Masini e Lorrain; a *Aida* pela Devriés e Masini; a *Lucrecia* pelo Masini, a Borghi e o Lorrain; a *Semiramis* pela Schalchi e pela Borghi; agora o *Barbeiro* e a *Traviata* pela Patti e pelo Massini; annuncia-se já para depois d'essas recitas a *première* da *Herodiade* com a Devriés, sendo a opera ensaiada pelo proprio Massenet.

E para o anno?

E depois?

Mas isso não é comnosco, isso é com o futuro, com Deus e com o sr. Valdez, e não seremos nós que nos queixemos por ser *la mariée trop belle*.

Emquanto no theatro de S. Carlos se preparam estas grandes festas da Patti o theatro de D. Maria deu-nos uma grande, brilhante e ruidosa festa artistica e litteraria, um acontecimento de primeira ordem para as lettras portuguezas: a primeira representação do drama historico em cinco actos, em verso o *Duque de Viseu* original do sr. Lopes de Mendonça.

A peça subiu pela primeira vez á scena na sexta feira de Passos, noite do beneficio do illustre actor João Rosa.

João Rosa é um dos actores-mestres do nosso theatro, um artista notabilissimo, que a um talento brilhante, junta uma sólida educação artista, filho de um grande actor, grande actor *lui meme*, João Rosa tem uma das carreiras theatraes mais brilhantes e gloriosas da nossa terra, e os seus beneficios são sempre festas explendidas.

Este anno pois escolheu para o seu beneficio uma obra original d'um auctor novo, cujo enorme talento fez da sua estreia uma consagração litteraria.

Lopes de Mendonça, sobrinho do grande folhetinista da geração passada, estreiou se ha dois annos no theatro de D. Maria com um drama em um acto, em verso, *A noiva*, drama que teve um *successo* enorme e merecidissimo.

N'um pequeno acto havia a revelação brilhante de um poderoso talento dramatico, de uma forte organisação de dramaturgo; havia a promessa radiante de um auctor dramatico notabilissimo.

O duque de Viseu é a realisação d'essas promessas.

A segunda obra de Lopes de Mendonça, é um trabalho de largo folego, uma obra prima litteraria de excepcional valor, que veio enriquecer a nossa litteratura dramatica e occupar logo n'ella um lugar proeminente.

O publico comprehendeu o alto valor d'essa explendida joia poetica, e desde o primeiro acto acclamou enthusiasticamente o seu auctor que, chamado e victoriado no fim de todos os actos, teve hontem uma ovação extraordinaria, uma verdadeira consagração ruidosa e unanime, como raras vezes temos visto fazer no nosso theatro.

Não é a correr, em meia duzia de linhas, augmentadas nas provas de uma chronica, que se pode fazer a apreciação minuciosa de um trabalho collossal como é o *Duque de Viseu*.

Essa apreciação será feita no OCCIDENTE, no proximo numero, por um dos nossos mais illustres homens de lettras, escriptor brilhantissimo, poeta illustre e critico abalisado.

Nós hoje limitamo-nos a consignar aqui o grande exito obtido merecidamente por esse explendido drama de um novo, que é já um glorioso, e a registar a ovação que o publico fez a Lopes de Mendonça e aos artistas encarregados dos principaes papeis.

João Rosa, o grande actor que fazia na *première* do *Duque de Viseu*, Brazão, Augusto Rosa e Virginia, deram á peça uma execução magnifica, apezar das enormes difficuldades da interpretação, accrescidas pelo desuso d'estes trabalhos historicos de alto folego tragico.

Amelia da Silveira, n'um papel difficilimo para qualquer artista e sobretudo para ella, que além de ter poucos annos de theatro, tem sido educada n'um genero inteiramente differente, não venceu todos as difficuldades, mas mostrou umas aptidões que não lhe conheciamos, uma formosa intelligencia e uma poderosa vontade, uns progressos notaveis que são muito para applaudir.

Em summa o desempenho em geral, foi o melhor que se podia esperar de artistas não habituados ao genero difficilimo em que se filia a magnifica peça de Lopes de Mendonça, e a primeira representação do *Duque de Viseu* foi um dos mais notaveis acontecimentos litterarios da nossa terra n'estes ultimos annos.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O retrato que hoje publicamos deveria ter sido publicado em o numero antecedente do OCCIDENTE, se caso de força maior não o tivesse impedido.

O retrato do glorioso artista devia ter acompanhado o bello artigo de Ramalho Ortigão a respeito das louças de Bordallo Pinheiro, para esse artigo, pois, remettemos o leitor.

GUILHERME AUGUSTO DE BRITO CAPELLO

Novo governador geral de Angola

O novo governador da provincia de Angola o sr. Guilherme Capello, ultimamente nomeado pelo governo, é um digno successor do esclarecido e valente official da armada, que ha pouco terminou o seu governo n'aquella provincia, o sr. conselheiro Ferreira do Amaral.

O sr. Guilherme Capello é um dos mais distinctos ornamentos da marinha portugueza e essa distincção tem n'a ganho sem favor, mas com servicos relevantes prestados nas nossas colonias onde tem passado o melhor de vinte annos, em desempenho de commissões, para que tem sido nomeado, e no serviço militar de estações em Africa.

Pertence a uma familia que tem dado á patria os mais prestantes cidadãos, tanto nas sciencias como nas armas, não sendo facil descriminar entre esta feliz progenie qual dos irmãos foi e é mais distincto em saber e em qualidades de caracter acompanhadas da mais convicta modestia.

Entre o publico do nosso paiz, que vive para a actividade intellectual, para o movimento que se produz na nossa sociedade moderna, que se interessa pelo desenvolvimento da sciencia e pelo progresso, embora lento, mas successivo de Portugal, são bem conhecidos os nomes de Hermenegildo Capello, o heroico explorador do interior de Africa; João de Brito Capello, o director do observatorio do infante D. Luiz que tanto tem illustrado a sciencia da astronomia, sendo os seus trabalhos considerados em toda a parte pelas sumidades da sciencia astronomica; Felix de Brito

Capello, o distincto naturalista que consumiu a vida entregue aos seus profundos estudos, deixando valiosas recordações do seu saber e do seu trabalho incessante; e Guilherme Augusto de Brito Capello, o digno e prestante official da marinha de guerra portugueza, que faz o motivo d'estas linhas e de que hoje o OCCIDENTE publica em suas paginas o retrato, honrando-se de o archivar na sua extensa galeria de portuguezes illustres, que tem honrado as gloriosas tradicções d'este pequeno paiz.

Guilherme Capello nasceu em Lisboa a 5 de agosto de 1840, e é filho do major Felix Antonio Gomes Capello e de D. Guilhermina Amalia de Brito.

Assentou praça de aspirante de marinha em 20 de setembro de 1853, e completou o curso, com distincção, em 1858.

Foi promovido a guarda marinha em 1 de outubro de 1859; a segundo tenente graduado em 27 de dezembro do mesmo anno, e a effectivo em 21 de novembro de 1861; a primeiro tenente em 27 de fevereiro de 1873; a capitão tenente supranumerario em 28 de fevereiro de 1874, e a effectivo em 18 de dezembro de 1883; a capitão de fragata supranumerario em 23 de dezembro de 1885, por ser nomeado governador geral de Angola.

Embarcou pela primeira vez, como alferes, em 8 de maio, a bordo da nau *Vasco da Gama*, seguindo para Angola em 1 de outubro de 1858. Regressando a Lisboa em 31 de março de 1862; embarcou na barca transporte *Martinho de Mello*, fazendo n'ella diversas viagens, sendo a maior e mais instructiva a que teve por destino Macau, Timor e Moçambique, com escala na volta por Mossamedes e Loanda. Desde então fez serviço nas estações d'Africa Occidental e Cabo Verde, onde conta perto de 14 annos effectivos, com pequenos intervallos, em Portugal. Prestou serviços considerados relevantes em muitas portarias de louvor, e como commandante da canhoneira *Sado* e corveta *Rainha de Portugal*, tornou-se bem notavel pela maneira energica como se portou, tanto com os indigenas, como com os europeus, ora castigando os pretos de *Mucula* e *Rio Cacongo*, ora resolvendo variadas questões entre os negociantes e indigenas, de uma maneira justa e sensata, conquistando-lhe as sympathias e respeito de todos. Os tratados de protectorado em *Cabinda*, no *Cacongo* e *Massabi*, dão uma prova da habil politica em que o governo do conselheiro Ferreira do Amaral soube oppôr-se energica e dignamente ás intrigas dos extrangeiros.

Em 1880 e 1881 levantou, juntamente com o 1.° tenente Guilherme Gomes Coelho, as plantas hydrographicas da costa de Loanda e portos interiores, na extensão de perto de 35 milhas, e da bahia do Ambriz; trabalhos importantes e elogiados pelos extrangeiros, pela correcção com que foram feitos.

N'essa mesma epocha determinava todos os elementos do magnetismo terrestre em Mossamedes, Loanda e S. Thomé, empregando os instrumentos mais delicados e aperfeiçoados de então; trabalhos publicados pela Secretaria do Governo de S. Thomé, e nos boletins officiaes de Angola, onde estão indicados a força horisontal, inclinação e declinação, calculados de grande numero de observações. Só quem sabe o modo de empregar aquelles instrumentos, é que pode avaliar o valor d'aquelle trabalho, feito muitas vezes sob uma temperatura de 36° centigrados!

Em 1870 acompanhou uma expedição franceza afim de explorar o vulcão da ilha do Fogo, de Cabo Verde, tendo descido á *cratera* do *pico* mais alto, onde antes nenhum europeu tinha ido. Em 1873 foi nomeado governador do districto de Diu, onde esteve até abril de 1878.

Em resumo; de 27 annos de serviço, como official, conta 20 fóra de Lisboa.

Louvado em muitas portarias pelos governos da metropole, e das provincias ultramarinas, foi além d'isso agraciado:

Em 1870, cavalleiro da Torre e Espada, etc., pelo combate da *Cacanda*, no *Cacheu*.—Em 1882, cavalleiro de S. Thiago, pelos trabalhos hydrographicos da costa occidental d'Africa.— Em 1882, commendador d'Aviz.—Em 1885, medalha de ouro, de bons serviços.—Em 1874, cavalleiro d'Aviz. —Em 1885, commendador da Conceição (que renunciou). Tem além d'isso as medalhas de prata, de comportamento exemplar e bons serviços.

O novo governo que o sr. Guilherme Capello vae desempenhar na provincia de Angola, estamos certos que lhe valerá novos motivos de louvor pelos bons serviços que irá prestar á nação e áquella provincia, com os seus vastos conhecimentos, e com o zêlo que sempre o tem acompanhado em todas as commissões que lhe tem sido confiadas pelo governo de Sua Magestade.

Casa de Camillo Castello Branco

Em S. Miguel de Seide

Fêz no dia 16 do corrente 60 annos Camillo Castello Branco, hoje sem contestação o vulto mais proeminente da litteratura nacional.

O OCCIDENTE, fiel ao seu programma, registra gostosamente o anniversario de uma das individualidades mais gloriosas do paiz, e faz acompanhar a commemoração d'essa data, já agora para sempre celebre nos fastos da historia patria, com um desenho da casa onde tem passado o melhor dos seus dias e escripto o melhor das suas obras o grande solitario.

Ainda ha pouco, a pag. 249 do vol. 8.°, este periodico publicou um outro desenho d'esta mesma casa, devido ao lapis do distincto amador, sr. Lopes Mendes, e commentado n'um excellente artigo do sr. Silva Mattos. O desenho de hoje é porém differente, porque apresenta o aspecto da casa tomado de um outro ponto. Lopes Mendes reproduziu a fachada da residencia do illustre romancista, que deita para o interior da quinta, bem como o portal d'esta, em meia laranja, com que defronta o viajante que de Famalicão tenha seguido directamente para Seide pelo caminho velho. (1) Quem porém se tenha mettido em Famalicão no carro da corrida para Guimarães, e depois, apeando-se no logar de Fornello, tenha feito até Seide um pequeno passeio a pé, vae ter a um largo terreiro frondentemente arborisado, sobre o fundo do qual se ergue a casa que hoje se dá em estampa, e que no estio de 1884 (17 de setembro), por occasião de uma visita ao mestre e ao amigo, desenhei do natural.

D'essa visita commovente, — uma data importante na minha vida, que me deixou na alma e no espirito recordações indeleveis, — dei conta longamente ao publico no *Corre o da Man'hã* de 27 de julho do anno passado. Ahi, ao referir-me propriamente á habitação de Camillo, escrevêra:

«N'uma pequena baixa, cingida inalteravelmente e de perto pela monotonia verde de collinas bastamente arvorejadas, erguia-se uma grande casa rustica, toda pintada a ocre, um andar sobre o terreo, a frontaria aberta em janellas de peitoril. Era um predio vasto de lavrador, incharacteristico e pesado na architectura despreoccupada e tôsca da sua feição aldeã. Na frente da casa, uma alamêda frondosa e triste. A um canto, um cone irregular de estrume com um sacho ao alto. Sobre um lado, a meia laranja e o largo portão de ferro consagrados, dando entrada para a quinta. Nem um signal só que denotasse o grande homem, ali... Ah! lá está! De uma das janellas de uma especie de mirante, que supéra o primeiro andar do predio, sahia em cotovelo para o espaço, oxydado e negro, um tubo de chaminé. Era por força a chaminé do fogão do seu gabinete de trabalho. Sim, devia ser ali, na parte mais alta da casa, de onde o horisonte era mais desafogado e mais facil o convivio com as estrellas. Sim, devia ser ali que pelas horas mortas da noite os aldeões, apavorados, veriam brilhar seguidamente, serena e firme, uma luz teimosa. — Aquella agua-furtada era um altar.»

E pouco tenho que acrescentar em abono da exaltação moral e intellectual de Camillo Castello Branco, — essa famoso Atlante do espirito, sempre faúlante, sempre graciosissimo, sempre incansavel, a quem todo o paiz tece hoje deslumbrado um halo justissimo de apotheose.

Dizia-me elle ha dias, n'uma carta: — *que está padecendo muitissimo, e já mal póde distrahir-se escrevendo... e que acha ordinario tudo quanto escreve. (!)*

Requinte de modestia derivando n'uma cegueira absurda.

Porque todos nós estamos reconhecendo cada vêz mais pujantes e mais vivas as qualidades eminentes do escriptor: o talho diamantino da phrase, a precisão adaptativa do conceito, a riqueza prodigiosa do vocabulario, o naturalismo flagrante das analyses, a graciosidade fluente de um *humorismo* inexcedivel.

A. A.

(1) Esse portal e meia laranja ficam logo á quina do muro que se prolonga sobre a direita da gravura actual

HISTORIAS DA MONTANHA

BACCHANTE

I

Apparecem agora, no bravo paiz da vinha, os romeiros das vindimas, que veem d'aldeias pobres aproveitar no alto Douro esta faina afortunada e rendosa. Passam todos os annos pelos fins de setembro, ou em pleno outubro, quando a vindima é tardia; e vencem distancias enormes necessitosamente, magoando os pés nús na marcha accelerada.

Os homens, magros, trigueiros, tisnados do halito abrazado do sol, não ostentam esquerdamente as suas bellas roupas novas, como os romeiros felizes das festanças religiosas; vestem miseravelmente umas saragoças velhas e ruças, coçadas do uso permanente, levam as vestias sujas enfiadas n'um comprido pau estendido ao hombro, e as mangas da camisa arregaçadas, deixando vêr os cabelludos braços, são d'um aceio deploravel; ao mesmo tempo que as mulheres e raparigas, suas companheiras, tambem não arrastam, como as outras romeiras aldeãs, um luxo volumoso de saias vistosas, lenços musicantes de vivas côres, e pesados ouros enroscados serpentinamente nos pescoços, balouçando ao andar com scintillações fulvas; ellas cobrem-se simplesmente d'escorridas saias de chita desbotada e gasta, e põem a nota pittoresca do seu trajo remendado no lenço barato, mas sempre de côres intensas, que cruzam largamente no peito, sobre os estreitos corpetes. Mas o cuidado com que susteem á cabeça umas pequenas cestas, cheias de grossa merenda, dá-lhes uma elegancia e aprumo esculpturaes, tornando cada uma d'ellas o modelo interessante d'um quadrinho, desgarrado do pincel impressionista e sincero de Silva Porto.

Reunem-se em grandes bandos originaes, e não pensem que elles vão ao longo dos caminhos pensando chorosamente na sua miseria, recolhidos em tristezas mornas e soluçantes; pelo contrario, são os romeiros mais foliões, uns verdadeiros bohemios montesinhos.

Cada bando que se fórma arranja o seu descante ruidoso; ha sempre um que saiba fazer cantar uma rabeca roucamente, outro que raspe sonoramente uma viola gemebunda, e um outro que bata rijo n'um tambor; um garoto esperto encarrega-se de tocar ferrinhos, conspicuamente; e as mulheres fazem côros e desafios interminaveis de cantigas, alternadamente amorosas, brejeiras, chocarreiras, e tristonhas por vezes, atiradas ao ar em toadas estridentes de fortes vozes indomitas. Se se calam umas, começam outras; e assim vão todos galgando leguas, alegres, entretidos com as suas descantadas retumbantes, que a lettra garóta de certas cantigas interrompe de vez em quando, alvoroçando bruscamente toda a sociedade n'uma barulheira franca de risadas.

E é sobretudo delicioso ouvil-os já ao longe, pelas escorçadas encostas adiante, quando a instrumentação exquisita se confunde e apaga; então as vozes resaltam harmoniosas no côro, e prolongam-se languorosamente, no meio d'um ruido murmurante dos echos brandamente roçados pelas quebradas.

II

É agora o bom tempo da animação campestre, do saudavel bulicio na azafama jubilosa das colheitas!

Hontem adormeci ao festivo ruido d'uma esfolhada longinqua, onde se ria e cantava e clamava continuamente, pela noute adiante, — o que me deu a turva lembrança d'uma ceia orgiaca de desalmadas bruxas, pois que, já agora, na minha aldeia a superstição anda no ar, respira-se, e impregna a gente. Hoje, fui acordado pela algazarra matutinal d'uma vindima.

Sahi a vêr. Perto, á beira d'um socalco barrigudo, uma berradôra ranchada de moças afadigadas, em mangas de camisa, ou arremangadas n'uma ostentação de grossos braços ruborejantes d'um rico sangue excitado, assaltava lestamente uma vasta ramada, onde as vides intrincavam misturadamente, enfolhadas e lavadas do ouro fluido do sol nascente; todas, n'um desembaraço, cortavam e colhiam os maduros cachos pendentes, guardando-os nas suas cestas; e alegravam a sua canceira com as simples cantigas tradicionaes, entoadas desencontradamente em rudes vozes rebeldes. Alguns homens descalços, com sujas bragas desnudando-lhes as firmes pernas queimadas, correndo e resfolegando fortemente acarretavam as uvas para o lagar, curvados sob os cestos vindimos cheios, os peitos entufados de cabellos apparecendo, bravíos, d'entre as camisas rôtas; e rapazolas com ares graves, calças arregaçadas, mostravam os seus tornozellos escorrentes, avinhados de sovar, ás alegres raparigas que os escarneciam, trabalhadôres inuteis.

Mas uma vindimadôra subiu agilmente a um alto ulmeiro, em cujas ramarias amigas, carregadas d'espessas folhagens verdes, uma videira enroscava

luxuriosamente os seus pampanos entrelaçados; e como a arvore antiga, — d'onde uma sucia de petulantes pardaes fugiu em alvoroço, — se abria, sobre o tronco rugoso, em duas arqueadas perneiras, como um forcado desmedido, a bella rapariga ficou originalmente empoleirada e emmoldurada na verdura. Com o corpo florescente d'arredondadas fórmas tentadôras movimentado d'uma banda para outra, no farto seio cruzado um lenço vermelho picado de flôres brancas, ia apanhando custosamente os arredios cachos balseiros; cantava sempre, e de repente, — ouvindo qualquer graçola d'uma companheira divertida, — soltou longamente uma gargalhada vibrante, que a abalava toda.

Então, n'aquella camponeza expansiva de bocca sensual aberta em riso, o soberbo pescoço inclinando para traz a cabeça, coroada de cachos por um effeito casual, com os ambundantes cabellos negros desenrolados sobre os hombros, desfeitos pelos perfidos ramos, e rodeada de parras amarrellentas ou tinctas de carmim, eu, — sem duvida penetrado da jocundidade pagã de toda a natureza, na manhã radiosa, — julguei vêr, passageiramente, uma robusta e jovial Bacchante!

Guilherme Augusto de Brito Capello — Novo governador geral de Angola
(Segundo uma photographia de Fillon)

LENDA

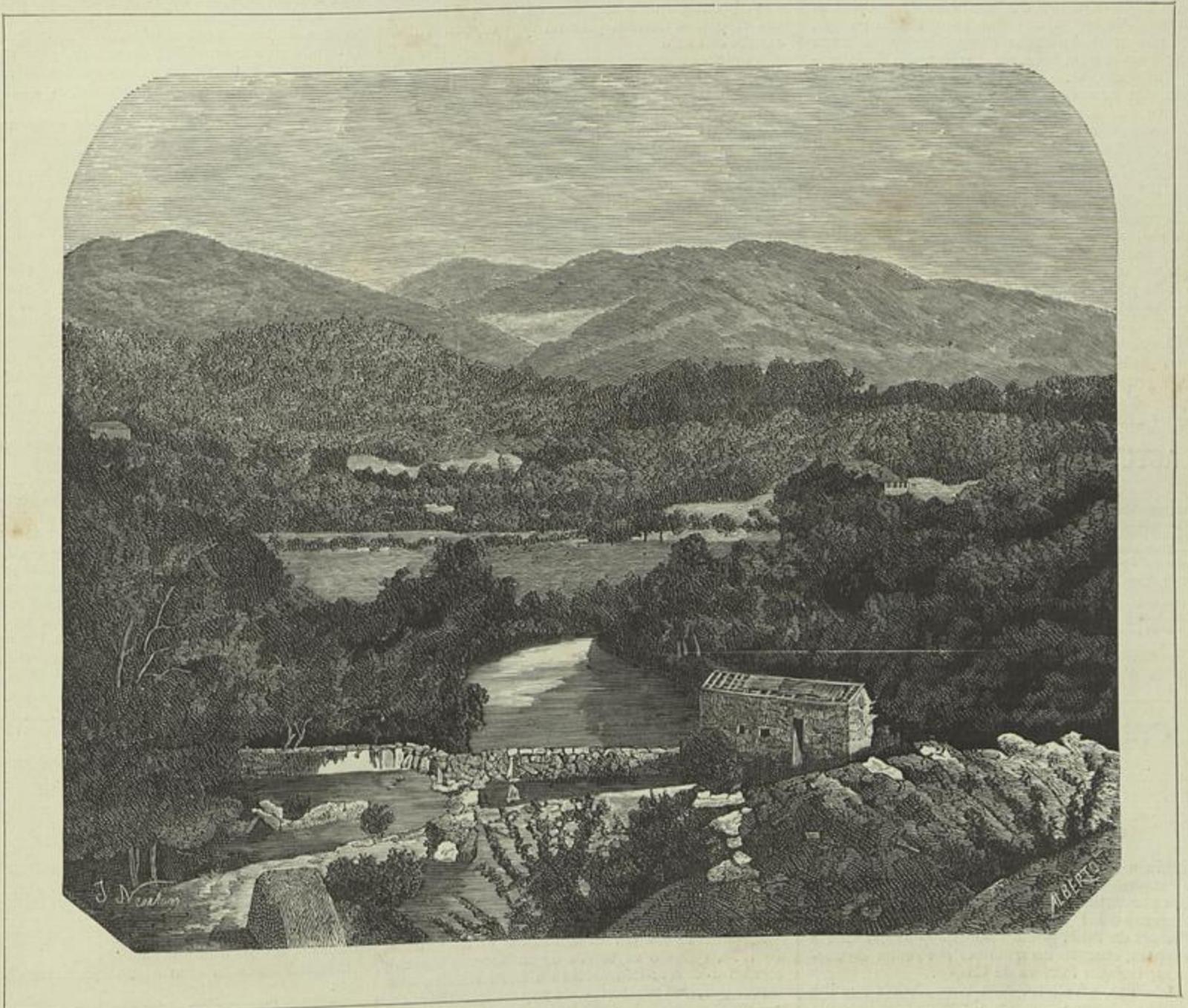
Contam que um dia dois cegos tocadores montesinhos acharam-se perdidos n'uma serra brava, onde o granito monstruoso marcava gigantescamente successivas e monumentaes boças rebeldes, e sobre cujo dorso turbulento o inverno havia estendido imperiosamente um espesso e luxuoso manto de neve pudibunda, tendo por vezes tons lividos sob o ceu pardo e inclemente, e luzindo raramente, de longe em longe, nas ondulações do solo abrupto, em claridades esparsas e brandas como de luares fataes. Por lá andavam os lobos aos bandos, verdascados por um desespero ululante de fome, não encontrando para repasto senão os vetustos penhascos e a neve frigidissima; mas os desventurados cegos sentiam-se tranzidos, sobretudo, quando ás vezes ouviam os corvos repetindo tristemente os seus doces gritos sinistros.

Atravessando ao acaso as desertas eminencias, os cegos cada vez se affligiam mais sob o frio incomportavel, e queixavam-se chorosamente do seu guia, um rôto maladrim que dizia não ter culpa, serenamente; mas como elle, já de mau humor, promettia abandonal-os sem dôr, porque não avistava senão serranias alvacentas, e não estava para ser devorado pelos esgalgados lobos, os cegos tolhidos com frio e medo acabaram por se calar humildemente, caminhando sempre sem murmurarem uma lamuria, suspirando a espaços, e rezando constantemente ao Senhor para que os salvasse.

Ao cahir da tarde, já cançados d'enterrar os tamancos na profunda neve, atravez de cujos immoveis e brancos vagalhões elles eram uns naufragos torturados, os pobres cegos sentaram-se resignadamente debaixo d'um grande carvalho, de tronco enorme e extravagantes ramarias de neve, que estava felizmente escondido ao fundo de um fragoso despenhadeiro cortado a pique. Alli foram mastigando dolorosamente as ultimes côdeas de brôa, que lhes restavam nas sacolas molhadas, e n'uma inconsciencia abstracta de martyrisados, ameaçados de morte, mas que vão sempre cuidando do seu ganha pão de ámanhã, puzeram se por fim a afagar os seus in-

Casa do sr. Visconde de Correia Botelho, Camillo Castello Branco, em S. Miguel de Seide (Desenho do natural por Abel Acacio)

strumentos gelados, um arranhando frouxas tosses de sons na rabeca constipada, o outro soprando roucas lamentações friorentas e desoladas na tosca flauta, ao mesmo tempo que o guia, assustado, insinuava azedamente que elles estavam a desafiar os pacificos lobos. Entretanto, o ceu rigido ia-se obscurecendo invadido de tintas grandiosamente severas e lugubres; o vento era impedioso n'aquellas alturas asperas; e ralado, resmungando, praguejando amargamente, o guia andava irrequieto, vigiando por todos os lados, e querendo rasgar com o olhar o nevoeiro opaco, que encobria largamente os fundos valles, ondulando lá para baixo como um grande mar nebuloso, que beijava as puras neves da serra e ia ao longe, mais escuro, confundir-se com as nuvens densamente amontoadas.

Mas, subito, o terrivel inimigo tão temido appareceu, desenhando o seu ameaçador perfil no alto do despenhadeiro, soltando um estridente uivo de ferocidade alegre á vista d'aquellas victimas; e, com o olhar acceso, febril e faminto, o lobo vinha já descendo os primeiros penhascos, quando o animoso guia se lembrou do expediente legendario, e sacudindo os cegos, entorpecidos de terror, disse-lhes vivamente que tocassem alguma cousa, depressa e com bastante zoeira, começando logo elle proprio a cantar tristemente umas ternas modinhas campestres que sabia, — o que pareceu irritar consideravelmente o lobo, que parou sobre um penedo, mudo, com os pellos eriçados. Mas o cego da rabeca, que tinha começado a raspar o arco nas rispidas cordas furiosamente, produzindo um zurzido charivari medonho juntamente com a flauta desenfreada, foi gradualmente afinando a sua musica, e afinal, não se sabe por que estranho

SERRA DO GEREZ — No rio Caldo (Segundo uma photographia do sr. Julio A. Henriques) Vid. artigo "A Serra do Gerez„ pag. 59

effeito nervoso, fazia cantar a velha sanfona n'uma harmonia divina, tocante e aerea, que desesperaria d'inveja o mais apaixonado Joachim, emquanto que se diria seguramente do cego da flauta que estava entoando alli o maguado canto do marido inconsolavel do sonho de Heine.

Lentamente foi a ameaça desapparecendo dos olhos do lobo commovido, substituida por uma doçura ineffavel; ao longe, os echos gemiam melodiosamente, e o ar vibrando levava os sons dolentes para as nuvens paradas n'um encanto; e parecia mesmo que a boa fera lacrymejava de ternura e prazer, quando de repente o seu magro corpo estremeceu, e vacillando, fraco, inanime, rolou do penedo n'outro penedo, magoou-se nas rochas duras, feriu-se, ensanguentou-se, resvalou pelo abysmo no meio d'um turbilhão de grossos farrapos de neve, e sem que nunca se ouvisse o mais ligeiro rugido ou grito angustiado, veiu cahir despedaçado aos pés dos cegos.

Arrastados pelo guia, maravilhado e crente no milagre de Deus, os tocadores tremendo encaminharam-se á pressa pela encosta abaixo, sumindo-se em breve no nevoeiro humido; um socego tragico fez-se por toda a serra; e a noute negra veiu descendo morosamente. Então, um enorme bando grasnante de corvos desabou vorazmente sobre os restos sanguinolentos do lobo, atraiçoado pela clemencia dos seus nervos.

BRIGA D'AMOR

Fico estarrecido, Maria, cada vez que te encontro e vejo que me escondes a côr dos teus olhos...

— Outro a vê.

— E, quando me fallas, tens contra mim sete pedras na voz! Noite e dia ando ao rebusco de mal que te fizesse, e não acho que possas queixar te senão de palavras d'amor, ditas pelo coração...

— É o primeiro que falla.

— Mangas commigo, e com que modos tão azedos! Comtudo, eu sigo-te sempre...

— Por meu mal.

— ... como um cão manso, captivo do cheiro dos teus cabellos, calcando as tuas passadas, e com vontade de te pedir, cortando-te o caminho de joelhos, que me botes um olhar bom...

— Não quero fazer de santa.

— Mas, agora, não pódes fugir-me, sem que eu te diga que adoeço com tristeza a namorar-te na minh'alma. Olha, ainda a outra noite sonhei que, topando comtigo de madrugada n'este mesmo pinheiral onde vamos, eu te fizera um collar de bonitas maçãs de cuco, tiradas dos carvalhiços rasteiros, todas orvalhadas e como tingidas de sangue; — e ficava-te tão bem, quando t'o lancei ao pescoço...

— Não quero fazer de fada.

— Arreliado com o teu desprezo, tenho querido fugir-te, esquecer-te, caçoando commigo mesmo á farta. Mas quando te avisto, parece que entra um sol em mim, — e quem me déra ser feiticeiro, para, de cima do penedo mais alto da serra, furtar ao céu muitos covados do seu lindo tecido zul, com que te vestir, e duas estrellas para pôr nas meninas dos teus olhos...

— Palavras, leva-as o vento.

— Não corras, escuta. Eu quero-te tanto, que não te faço mal agora aqui, sósinhos, nem te agarro...

— Nem só as lobas ferram.

— Ui, que cara de odio tão feia me fazes! Mas porque voltas essa tua soberba má contra mim,— que te beijaria os pés, doido d'alegria, se m'o consentisses? Vê lá, Maria, considera a minha paixão, se te perco. Ainda estás a tempo de me dar a tua mão; e serás bem feliz, ao depois: não farás serviço nenhum, eu só trabalharei sem descanço, como um mouro, para manter a nossa casa, — onde tu passarás folgadamente a vida assentada, com os nossos filhos ao collo, mamando no teu peito branco. Ainda estás a tempo, Maria. Vem para mim, — não queiras ser do *outro!*

— Não falto á minha fé.

Mulher de pedra! Teimosa! Pois não me atentes, serigaita, — que, se me dér o diabo na cabeça para ahi, irei no dia do vosso arrecebimento esperar-vos, á volta da egreja e quando cahirem sobre vós em chuva as folhas de rosa, desafiarei o teu bem para uma rixa de morte!

— Matador! Toma sentido, matador! — olha que então seremos dois contra ti, sem medo!

E a ferina voz tremula da rija donzella em furia fazia pelo socegado pinheiral repercussões ululantes.

Monteiro Ramalho.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

VI

Photographias celestes dos srs. Henry; tempo de exposição, placas, apparelho, carta uranographica, photographia da lua obtida por um astronomo amador portuguez — Propriedades hygroscopicas do tabaco — Exemplos de grande alcance visual; distancia da visão distincta — O alginato de soda — O sentido do tacto, segundo Herzen — Exemplos de sensação de contacto; experiencias com um compasso — O professor Soret; educação dos cegos de nascença; observações no Asylo de Lausanna; bibliothecas para cegos; appello á caridade.

Os excellentes resultados da photographia applicada ás observações astronomicas deram origem á idéa acariciada por alguns astronomos da realisação de uma carta uranographica, que permittirá fixar a posição de uns 30 milhões de estrellas, legando assim aos seculos futuros o estado do céo no fim do seculo XIX.

As principaes photographias obtidas no Observatorio de Paris pelos srs. Henry, são: 42 clichés da Via lactea e das diversas regiões do céo; uma photographia das regiões proximas da estrella *epsilon* da constellação da *lyra*, a qual mostra estrellas inferiores ás de 16.ª grandeza; uma photographia da região que cerca a estrella *Wega*, e que fixou estrellas ainda menos visiveis que as precedentes; photographias dos cumulos estellares de *Hercules, Sobieski, Ophiucus, Perseo*, e mais de 600 provas de estrellas duplas e multiplas; photographias de planetas, de nebulosas, e dos espectros obtidos pela analyse espectral dos corpos celestes.

As placas que representam as constellações das *Pleiades*, de *Præsepe* e *Ophiucus*, eram destinadas a medidas micrometricas e por isso o tempo de exposição curtissimo. Os clichés da nebulosa de *Orion* e da estrella *epsilon* da *lyra*, foram obtidos com duas horas de exposição. Esta longa *pose* permitte que as partes menos illuminadas fiquem minuciosamente photographadas.

O apparelho com que essas photographias foram realisadas consiste em dois oculos astronomicos justapostos, encerrados n'um tubo metallico em fórma de parallepipedo. Um dos objectivos, com uma distancia focal de 3m,60, serve de apontador; o outro é achromatico com relação aos raios chimicos, e serve á photographia. Este ultimo tem 0m,34 de abertura e 3m,43 de fóco. As estrellas mais brilhantes deixam sobre a placa um disco mais ou menos grande, conforme a intensidade do seu brilho e o tempo de exposição, o que acontece quando se pretende photographar estrellas de menor grandeza, pois para aquellas a exposição é curtissima. Basta, por exemplo, $\frac{1}{200}$ de segundo para as estrellas de 1.ª grandeza, pouco mais de $\frac{1}{100}$ para as de 2.ª, $\frac{3}{100}$ para as de 3.ª, etc. As de 12.ª grandeza precisam de 2 minutos e as de 16.ª não menos de uma hora.

No cliché do planeta Saturno distingue-se perfeitamente a separação dos anneis. O satellite de Neptuno, distante apenas $\frac{2}{15}$ de minuto ou 8", distingue-se muito bem. A medida das estrellas duplas far-se-ha mais facilmente. D'aqui ávante, o observador tendo obtido as placas, onde milhares de astros se acham photographados, pode no seu gabinete, com o auxilio de um microscopio, determinar sobre a chapa as posições relativas d'esses astros.

Tratando d'este assumpto não devemos deixar em silencio o nome de um estudioso astronomo, que sem os meios que os observatorios facultam, conseguiu tirar a photographia da lua, e tão perfeito foi o seu trabalho, que conseguiu logar e mensão honrosa na *Revue Mensuelle d'Astronomie*, de Camillo Flammarion. É o sr. Narciso de Lacerda. São estes esforços da propria iniciativa coroada pelo exito, que devem ser louvados, e são elles que mais em relevo põem quão poderosa é a vontade e como bem aprende o que se ensinou a si mesmo pelos livros, que são incontestavelmente os melhores mestres e os melhores amigos.

— Schlœsing estudou as propriedades hygroscopicas do tabaco. Sendo o estado hygrometrico do ar de 0,70 a humidade do tabaco é de 18 por 100. Esta hygroscopicidade deve-a o tabaco não sómente á sua constituição physica, mas tambem aos saes avidos de agua, que contém.

— O sr. Thury apresenta alguns exemplos de grande alcance visual. Os guias do monte Dore pretendem vêr os Alpes do cume do pico de Sancy, isto é, n'uma distancia de 310 kilometros ou 62 leguas. As montanhas da Corsega vêem-se frequentes vezes ao pôr do sol, da costa de Niça, e não obstante haver uma distancia de 200 kilometros ou 40 leguas, distingue-se perfeitamente a fórma conica do monte Rotondo. A localidade mais afastada da qual se possa distinguir o ponto culminante dos Alpes, em França, é a planura de Langres, isto é, na distancia de 260 kilometros, ou 52 leguas. Dos arrebaldes de Lyon distinguem-se nitidamente os Alpes Delphinenses e o monte Branco, na distancia de 160 kilometros, ou 32 leguas. Nos altos cimos a visão é mais clara, especialmente de inverno, quando as nuvens cobrem uniformemente as planicies e os valles.

Diz Pileur que os camponezes e os maritimos, e sobre tudo os povos que vivem no estado selvagem, teem a vista mais aguda que os homens das cidades. O habito de enxergar ao longe os objectos dará aos olhos o poder que não podem adquirir funccionando sempre n'um horisonte restricto? Sem assemilhar exactamente os effeitos do exercicio dos olhos aos que se produzem nos musculos, pode não obstante crer-se que uma accommodação quasi incessante para grandes distancias influirá sobre a vista n'esse sentido, e, se como parece provavel, a accommodação tem logar pela contracção das fibras musculares, pode facilmente explicar-se o alcance da vista augmentado pelo exercicio. O que parece fóra de duvida é que os

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 260)

XXIV

O dia 15 de Janeiro de 1630

Cahiu a sorte no *Frade* para praticar o roubo projectado.

Um presentimento lhe disse que ia jogar a vida. Enganal-o-ia?

Manuel de Pina, poucas horas depois das scenas descriptas, entrava no gabinete particular do corregedor Gabriel Pereira de Castro.

Ia sósinho, satisfeito, com uma alegria que lhe illuminava de uma maneira sinistra a physionomia antiphatica e velhaca.

O corregedor, ao contrario d'elle, estava abatido, triste, febril.

Adivinha se lhe um soffrimento enorme, um mal estar, cuja causa desconhecida era o pronuncio de um grande remorso.

— Ah! E então, perguntou elle sobresaltado, como quem disperta de um horrivel pesadello.

— Tudo a caminho, respondeu o dedicado satellite, que pozera ao serviço d'elle as infernaes machinações do seu engenho diabolico.

E explicou com um sangue frio admiravel:

— O carcereiro caiu no laço, os homens estão em liberdade e tudo combinado pelo melhor.

Depois accrescentou satisfeito, quasi vaidoso:

— Nem o proprio diabo urdiria uma intriga mais completa. Que prestigio enorme não resultará de serviços tão relevantes para o corregedor do crime da côrte.

Gabriel Pereira de Castro curvou a cabeça, apoiando-a na destra, como se o envergonhassem as palavras d'aquelle homem.

— Começam a queixar-se de roubos repetidos n'estes ultimos dias, disse elle. Essa gente a que se associou compromette-o. Tenho de proceder, e...

— São apenas cinco dias. Nós estamos a 10 de janeiro. O meu plano está formado.

— O seu plano, repetiu o corregedor.

E fez-se um silencio tumular, terrivel, funebremente solemne.

Manuel de Pina parecia, porém, fascinar aquelle homem com o seu olhar profundo.

Havia entre elles uma attracção irresistivel.

— Ah! a nossa vingança será satisfeita, disse-lhe por ultimo.

. . . .

Justamente no dia designado, a 15 de janeiro de 1630, quando as torres de S. Vicente annunciavam á cidade adormecida a hora fatidica dos sortilegios, dos mysterios, da superstição popular, um vulto embuçado em ampla capa de côr escura atravessava a passos lentos o vasto campo de Santa Clara, como insensivel a tudo que o rodeava, de uma maneira automatica e impassivel.

Chegado á quina de uma pequena travessa á direita, que vae ter á rua do Paraizo, parou de subito.

A distancia ouviam-se uns passos caminhando apressadamente no mesmo sentido.

A noite de 15 de janeiro, como devem recordar-se, fôra tempestuosa e medonha.

O vento sibilava de uma maneira aguda e penetrante, simulando uns sons sobrenaturaes e medonhos, succudindo e arrancando arvoredos seculares, e produzindo estragos sensiveis que as memorias do tempo registraram.

O embuçado soltou então um pequeno assobio, e logo ao longe se viu brilhar a claridade de uma luz vermelha.

Pouco depois acercava-se do embuçado um outro vulto que a escuridão da noite mal deixaria reconhecer, e trocaram algumas palavras.

Todavia elles haviam-se reconhecido bem.

Um d'elles era Manuel de Pina, o outro era o *Trovão*.

— A nossa gente está a postos? perguntou o primeiro.

— Está. Só falta o *Frade*.

— Ah! aquelle maldito se nos roe a corda...

— É um homem morto. O *Mata-Judeus* já lhe jurou pela pelle.

Depois pozeram-se a caminho, juntos, a par um do outro, familiarmente.

De repente pararam.

— Não ouves? perguntou Manuel de Pina.

E poz-se em attitude de quem escuta.

Ao longe parecia distinguir-se o vulto de um cavalleiro.

— Mau, temos historia, observou o *Trovão*, pondo-se em guarda por cautella.

Manuel de Pina, com modo indifferente, disse-lhe:

— Para traz, amigo.

— Ha alguma novidade?

— Vamo-nos occultar por detraz do muro do convento de Santa Clara. Não convém que nos encontrem n'esta situação.

— Ah! mas que receia, perguntou o *Trovão* ainda inquieto. Tem aqui um homem. Fugir é em todas as condições uma cobardia.

— Engana-se. Nem a nós, nem á pessoa de quem fugimos cabe esse titulo, e todavia n'este momento todos nos interessamos em evitar um encontro.

E dizendo isto chamou a attenção do cigano para uma circumstancia que lhe havia passado desapercebida.

O cavalleiro trazia o animal com as patas envoltas em grossos pannos, por modo que as ferraduras não fizessem bulha ao tocarem as pedras da calçada.

Singular aventura.

O *Trovão* ia communicar as suas impressões ao filho do escrivão do crime, mas elle fez-lhe signal, dizendo em ar de muito mysterio:

— Silencio!

O vulto que se destacara ao fim da rua, tornara-se agora mais distincto.

Não havia duvida alguma, era um cavalleiro que avançava para elles como uma sombra.

homens, para os quaes o horisonte é habitualmente amplo e afastado, veem ou distinguem objectos a uma distancia onde, para outras pessoas esses objectos são confusos, ainda que o alcance da vista chegue até lá. Exemplifiquemos. Appareça um navio no horisonte; emquanto uma pessoa estranha ao mar apenas distinguirá as vellas n'essa nuvem branca, um marinheiro dirá se é um brigue ou uma fragata, se é de guerra ou mercante, a sua tonelagem, nacionalidade, proveniencia e talvez até o nome.

Ha homens, porém, nos quaes a vista é excepcionalmente extraordinaria. Wrangel, na *Viagem ao Oceano Glacial*, encontrou um Iakuto que lhe disse ter visto *uma grande estrella engulir outras mais pequenas e vomital-as depois.* O que Galileo só lográra ver com o oculo que tem o seu nome, vira-o o Iakuto com a vista desarmada, isto é, os eclipses dos satellites de Jupiter. Humboldt cita tambem um alfayate de Breslau, chamado Schœn, que distinguia a simples vista os satellites de Jupiter.

O alcance da vista no homem que lê ou escreve é no estado normal de 0^{m},30 a 0^{m},35. O que tem a vista curta ou myope, para distinguir os caracteres precisa ter os olhos a menor distancia, 0^{m},25 ou 0^{m},1, emquanto que o *presbyto* ou que tem vista cançada para vêr distinctamente, precisa manter os olhos a 0^{m},70 ou 0^{m},80.

— O *alginato de soda*, substancia novamente descoberta, póde servir para fixar os mordentes de alumina e de ferro no algodão.

— O physiologista Herzen pretende que o sentido do tacto se compõe de tres sentidos: o do frio, o do calor e o da dôr, mas que todas estas aptidões dos nervos periphericos desapparecem n'um membro submettido á compressão methodica. Herzen conseguiu indicar a localisação d'estes sentidos pela autopsia em cadaveres de paralyticos e pela vivisecção em animaes.

A sensação do contacto não é a mesma em todas as regiões do corpo, augmenta na rasão directa do numero de papillos nervosos. Applicando as duas pontas de um compasso sobre a pelle, é forçoso afastal-as mais ou menos, conforme a região do corpo em que se applicam, para que o seu contacto dê logar a uma unica sensação ou a duas sensações distinctas. Por este meio se póde avaliar a maior ou menor sensibilidade do tacto n'um determinado ponto da pelle. Menos o tacto será sensivel maior será o afastamento das pontas do compasso para produzirem uma sensação dupla. Eis segundo Weber a sensibilidade de algumas regiões. Para haver na ponta da lingua duas sensações distinctas, basta apenas que as pontas estejam desviadas uma da outra $1^{mil.}$,13; a face palmar dos dedos na parte opposta ás unhas, $2^{mil.}$,26; a superficie vermelha dos labios $4^{mil.}$,5; a ponta do nariz, $6^{mil.}$,76; a palma da mão, as faces e as palpebras $11^{mil.}$,28; as costas da mão, ao pé dos dedos, $18^{mil.}$; as gengivas, $20^{mil.}$,30; as costas da mão, $31^{mil.}$,1; o pescoço, por baixo do maxillar, $33^{mil.}$,9; o hombro, o ante-braço e o joelho, $40^{mil.}$,6; o peito, $44^{mil.}$,12; os rins, a parte superior das costas e do pescoço, sobre a linha da espinha, $54^{mil.}$,20; a região media das costas, do pescoço, do braço ou da coxa, $66^{mil.}$,18. Estas medidas, não obstante variaveis, mostram a sensibilidade relativa. A distancia entre dois pontos de contacto aprecia-se melhor se estão collocados em linha transversal em relação ao eixo do corpo, do que em linha parallela ao eixo do corpo ou longitudinal. A sensação causada por um corpo de temperatura muito baixa, é identica á que produz uma temperatura elevada. O contacto de uma bola de mercurio gelado, isto é, na temperatura de 40° abaixo de zero, causa a mesma sensação de queimadura que faria um ferro aquecido a 100°. Certas partes do corpo supportam melhor o contacto de objectos de elevada temperatura, que outras. As mãos conseguem pelo habito, agarrarem em objectos incandescentes, sem se queimarem. O mesmo succede com a mucosa boccal, que em algumas pessoas supporta liquidos quasi em ebullição.

— O professor suisso Soret, estuda o tacto sob o ponto de vista psychologico. Julga elle possivel transmittir aos cegos de nascença a idéa do bello nas fórmas. Esta idéa robusteceu-se-lhe com o que observou no hospicio de cegos de Lausanna. Soube ali que nos cegos predomina o mesmo gosto pela symetria, que tanto se nota nos surdos-mudos. Para esses infelizes privados do mais precioso dos sentidos a fealdade é-lhes manifestada por qualquer irregularidade, porque apreciam em alto grau as superficies planas e lisas. Assim uma fenda ou racha n'um vaso, uma rugosidade n'uma taboa de meza causa lhes sensação penivel. As cegas que se empregam em bordar, dão a maior importancia á regularidade dos desenhos que teem de reproduzir. Um cego, moço de lavoura, encerrado n'aquelle asylo, conseguio reconhecer pelo tacto sobre quadros o desenho, para elle tão familiar dos bois e cavallos. N'esse asylo havia um cego muito intelligente chamado Meystre no qual foram apresentados tres visitadores. Um d'elles era um bello homem, o outro muito feio, e o ultimo de corpo e feições regulares. Meystre tendo-os apalpado, deu evidentes provas de satisfação com respeito ao primeiro; a fealdade do segundo provocou-lhe o riso; e em quanto ao ultimo, como nada achasse de extraordinario, os seus gestos — porque, surdo-mudo, só assim se podia fazer comprehender — não exprimiram nem desprazer nem satisfação. Pretende, pois, o sr. Soret que é possivel formar a educação esthetica dos cegos a ponto de lhes fazer apreciar a belleza e a graça da figura humana.

Como todos que se dedicam a alargar a area restricta das impressões agradaveis aos infelizes submersos nas trevas perpetuas, o professor Soret, é um benemerito da humanidade.

Para leitura dos cegos ha Biblias, com os caracteres impressos em relevo. D'este modo os cegos apalpam e leem. Porque se não fazem edições especiaes de obras em todo o genero para esses infelizes? Dê se-lhes livros de historia, romances, classicos, sciencia, viagens, theatro, impresssos por essa forma, e illumine-se lhes assim com o encanto da leitura, com o convivio dos grandes genios o seu espirto torturado na contemplação da sua horrorosa situação. O pobre por certo não negará o seu obulo a tão grande caridade, e emquanto a alguns opulentos e felizes do mundo esses que desviem algumas parcellas das sommas enormissimas que atiram aos pés dos idolos de barro. Não lhes será pesado esse pequeno donativo, elles que dão centos de libras por um cavallo ou cobrem de brilhantes qualquer *fetiche lyrico*, na admiração idiota de alguma garganta portentosa.

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

Governador da India. Foi nomeado governador da India o sr. conselheiro Ferreira do Amaral que ha pouco tinha terminado o seu governo de Angola. Sua excellencia partiu para Goa por via de Gibraltar, no dia 10 do corrente, sendo acompanhado pelos seus ajudantes de ordens os srs. capitão Aloysio Thedím de Sousa Lobo e alferes Francisco Augusto Possolo de Sousa. O Occidente publicou o retrato e biographia do sr. Amaral quando foi nomeado governador de Angola.

Eclypse do sol. A 27 de agosto d'este anno haverá um eclypse do sol que será totalmente visivel em Benguella. Alguns astronomos americanos e inglezes tencionam ir fazer as suas observações n'aquella cidade da nossa provincia de Angola, e por este motivo a Sociedade de Geographia de Lisboa representou ao governo para providenciar no sentido do observatorio de Loanda, auxiliado pela estação naval; concorrer a essas observa-

---

Occultaram-se debaixo de um alpendre e deixaram-n'o passar.

— Que demonio de aventura é esta, perguntava o *Trovão*.

— Vaes ver, respondeu Manuel de Pina.

A este tempo o cavalleiro parava junto dos muros da cerca do convento e n'um dos pavimentos superiores do edificio, para o lado de leste, appareceu uma luz vermelha, circular, como de um pequeno pharol.

Manuel de Pina não perdia o mais insignificante pormenor...

— Olha, recommendava elle ao companheiro, póde ser que muito breve tenhas de dar testemunho do que estás vendo.

N'isto o cavalleiro apeiava-se e desapparecia por uma pequena porta praticavel no muro da cerca, que elle proprio abriu e fechou depois por dentro com a franqueza de quem não era a primeira vez que se encontrava em aventuras d'aquella ordem.

O *Trovão* estava abysmado.

— Oh! este segredo póde ainda vir a servir-nos de muito.

Manuel de Pina sorria.

— Se a gente soubesse quem é o marau... exclamou o scelerado.

E accrescentou:

— Valente e animoso é elle para se arriscar a uma empreza d'estas!

— De certo, e tu que o digas, respondeu o filho do corregedor.

— Eu!

— Sim; recordas-te d'aquelle conflicto na Calceteria, quando pela primeira vez nos encontramos?

O *Trovão* replicou maravilhado:

— Oh! pois é algum d'esses! Por minha vida que não esperava tal surpreza. N'esse caso já sabia d'essas visitas?...

— Que não sei eu? exclamou de um modo vaidoso Manuel de Pina. Ha muitos annos que estas entrevistas se repetem sempre em certas sextas feiras do mez, percebes?...

— Oh! e estava callado com um segredo d'estes, deixando-se espancar na rua por um homem que...

— Que podia fazer-me pagar cara a minha curiosidade se houvesse commettido a imprudencia de dar com a lingua nos dentes. Cuidas que só eu sei d'estes amores? Enganas-te; mais alguem o sabe e está callado...

Do lado opposto ouviu-se um signal que veiu pôr termo ao dialogo.

— Chegou o homem, disseram os dois com satisfação.

De facto n'este momento o *Frade* introduzia-se na egreja pela porta que lhe havia sido indicada.

Cada qual ao seu posto, exclamou Manuel de Pina; eu vou esperal-os ao Poço de Entre as Hortas, e tu não esqueças a circumstancia de que á hora em que estão sendo roubadas as ricas alfaias e pratas da egreja de Santa Engracia, Simão Pedro Solis se introduzia a occultas no convento de Santa Clara.

O *Trovão* expediu um grito de espanto.

Tinha comprehendido por certo a intenção do astucioso filho do escrivão do crime.

— Silencio! lhe disse Manuel de Pina, menos palavras e mais obras.

E separam se, repetindo:

— No Poço de Entre as Hortas.

O *Trovão* foi para junto dos companheiros que aguardavam o resultado da audaz empreza, com uma anciedade e receio plenamente justificado.

Esperou com uma anciedade febril que o *Frade* voltasse, e a cada momento de espera correspondia uma nova tortura, um pensamento tetrico, uma ameaça terrivel do destino que se lhe afigurava tão negro como a escuridão impenetravel d'aquella noite de tormenta.

Afinal o momento desejado chegou; porém mal podia elle suppôr que desengano lhe havia de trazer.

O leitor recorda-se d'essa situação terrivel.

Em vez dos sonhados thesouros que aguardava cheio de uma cubiça irresistivel, só pedras de calçada lhe tinha deixado aquelle grande ladrão do *Frade*.

Elle podia lá fazer sequer idéa dos transes afflictivos por que o seu miseravel companheiro passou dentro da egreja, escura e humida?!

As peripecias medonhas de que o desgraçado fôra victima podia acaso imaginal as elle, desorientado como estava pela paixão de se vêr roubado e compromettido sem compensação alguma n'um crime de tamanha gravidade, n'uma intriga cujas consequencias, depois do que acab va de presenciar, mais o faziam estremecer de medo?!

Não de certo.

Então acudiu-lhe á mente febril e escandecida pelo desespero uma idéa que mais veiu confirmar as suas apprehensões sinistras.

Manuel de Pina havia-lhe indicado tambem para se encontrarerem n'aquelle mesmo sitio do Poço de Entre as Hortas.

E todavia tanto um como outro haviam desapparecido ao mesmo tempo e de certo pelas mesmas circumstancias do accordo em que se encontravam.

— Ah! exclamou elle para os companheiros, bem lhes affirmava eu que no *Frade* não havia que fiar.

E agitando furioso os braços, em gestos de desespero, bradou:

— Se esta noite não encontrarmos o *Frade* e o filho do corregedor, seu cumplice n'esta traição que nos foi feita, é tratar cada qual de se pôr em guarda quanto antes se tem algum amor á vida.

Quiz o *Mata-Judeus* pedir-lhe explicações, mas o tempo urgia e o *Trovão*, na ancia do seu desespero, só apenas sabia dizer-lhes:

— Salve-se quem puder.

D'ahi correram a casa do *Frade*, e como a porta estivesse sobre o trinco, abriram-n'a rapidamente e entraram de tropel.

Procuraram tudo, mas nada encontraram.

As suspeitas do *Trovão* confirmavam-se.

O patife havia-se safado, levando comsigo On-

ções, assim como para prevenir as auctoridades da provincia, para prestarem todo o auxilio aos sabios extrangeiros que ali vão. Pelo mesmo motivo foi consultada a Sociedade de Geographia de Lisboa, pelo observatorio do Cabo, sobre as condições meteorologicas provaveis de Benguella, no mez de agosto, para a observação do eclypse, a qual deu minuciosas informações, ministradas pelo seu digno socio o sr. Brito Capello.

Casamento do Principe Real D. Carlos. Já partiu para Paris o sr. conselheiro Antonio de Serpa que vae representar SS. MM na assignatura do contracto anti-nupcial do casamento do principe D. Carlos com a princeza Maria Amelia d'Orleans.

SERRA DO GEREZ — Penedos denominados «As Portas»
(Segundo desenho do sr. Julio A. Henriques)

Vid. artigo "A Serra do Gerez„ pagina 59

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historias da Montanha, por Monteiro Ramalho, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Lugan & Genelioux, successores, Porto, 1886. Entre os diversos livros novos que se annunciam prestes a sair do prelo, cheganos este com um amavel offerecimento do seu auctor, e com umas 250 paginas impressas de primorosos contos, que devorámos com os olhos e com o espirito, com a mesma alegria com que visitamos uma galeria de quadros coloridos e animados pelo talento de artistas de eleição, ou alongamos a vista pela paisagem pujante da natureza opulenta. As *Historias da Montanha,* são verdadeiros quadros do natural, tocados por mão de artista, que conhece de perto os modelos e nos descreve a paisagem ora abrupta ora risonha da montanha, com um desenho e um colorido tão real, que atravez dos caracteres negros que se estampam no papel, vemos esses quadros na sua simplicidade sincera e despida de convenções com toda a verdade da natureza. Depois, as *Historias da Montanha,* são contadas n'um estylo tão distincto, tão original, e ao mesmo tempo tão portuguez, que não nos deixam duvida sobre a sua proveniencia genuinamente portugueza, caracteristica, severa, se assim o quizerem, na sua rudeza montesinha, por entre a qual se sente a eterna poesia inacta dos povos, na sua mais pura e desataviada manifestação. As *Historias da Montanha,* é um estudo perfeito da vida alpestre do Douro, desenham o caracter d'aquelle povo são e vigoroso, com o seu obscurantismo e com as suas superstições, recuando ante a idéa das bruxas ou aventesmas infantilmente aterrado, mas prompto a medir-se na lucta frente a frente com os homens ou com as feras, com a valentia expontanea da força consciente e indomita. Nas *Historias da Montanha* encontram-se por assim dizer, todos estes motivos, desde a lenda e das abusões populares, até ás scenas do trabalho campestre. Está alli o montanhez com as suas crendices, e o montanhez com a sua valentia. O livro matiza-se com uma variedade de contos, que são outros tantos primores litterarios; d'elle extrahimos, ao acaso, alguns pequenos quadros que publicamos em outro logar d'esta folha, e o leitor poderá n'elles avaliar das bellezas do livro *Historias da Montanha,* como por mais de uma vez já tem apreciado no Occidente os escriptos de Monteiro Ramalho, quer em formosos contos, quer em apreciaveis artigos de critica d'arte.

---

dina, a repugnante cigana, que entrara por certo na indigna traição.

Destacaram-se então para os diversos pontos da cidade, a fim de tentarem ainda em ultimo esforço e poderem achar a pista dos fugitivos.

N'essas diligencias, porém, empregaram inutilmente, sem resultado algum, o resto da tormentosa noite, que tão memoravel havia de ficar nos annaes do crime.

Manuel de Pina, o *Frade* e Ondina haviam desapparecido de facto, como se o chão se houvesse aberto com elles.

Quando a manhã vinha rompendo e o empregado da capella das Almas ia para a egreja, como de costume, achou aberta a porta que dava para a sacristia.

Foi logo participar o caso, para salvar a sua responsabilidade no que houvesse acontecido, visto ser nas suas mãos que estavam as chaves da egreja.

Vieram logo o capellão, o prior, os empregados, e começou o povo a juntar-se, impacientes todos por saber o que succedera.

A espectativa foi breve.

Aberta a porta da egreja, logo n'um relance se conheceu que mão sacrilega havia commettido ali desacato gravissimo.

Levantou-se então um clamor enorme.

O povo saiu, cheio do maior assombro, a referir o caso em grita pelas ruas, e de todos os pontos da cidade acudiu gente a certificar-se, por seus proprios olhos, da verdade de uma tão grave noticia.

Não se fizeram tambem esperar as auctoridades ecclesiasticas e civis, e a egreja foi dada por interdicta, sendo a parochia transferida immediatamente para a ermida do Paraizo.

O corregedor do crime da côrte, Gabriel Pereira de Castro, rodeado de todos os seus officiaes, foi dos primeiros a comparecer.

Vinha pallido, hirto, cheio de um terror que infundia respeito.

Todos se afastavam na sua passagem, partilhando d'aquella immensa dôr que o magistrado mostrava bem patente e era a expressão por certo dos seus sentimentos religiosos de bom e fervoroso catholico.

Elle informou se do occorrido, certificou-se pessoalmente de todas as circumstancias que revestiam o crime, contra a magestade divina e a religião do estado, e logo ali fez expedir editos por toda a cidade afim de que ninguem saisse de suas casas (1) sem que fosse inquirida pelos ministros que para esse fim iam ser immediatamente nomeados.

Sob toda a cidade ia pesar portanto uma responsabilidade tremenda.

Ninguem podia considerar-se desde esse momento ao abrigo da malevolencia.

Bastava uma palavra, uma simples denuncia, uma qualquer malquerença, para compromette a liberdade de uma pessoa, e pôr em risco a sua vida, levando-a ao cadafalso ou á fogueira.

Ah! os presentimentos do *Trovão* iam realisar-se.

Elle e os seus dois companheiros não podiam de certo escapar ao terrivel inquerito dos ministros do corregedor.

Que fazer?!

Communicara-se-lhes o terror enervante que se apoderara de toda a população.

Era indescriptivel.

Todos os negocios se suspenderam n'esse mesmo dia.

A cidade tornou-se um deserto.

Os estabelecimentos fecharam-se, um só pensamento occupava o espirito da população: descobrir o nefando auctor do desacato.

Entretanto as prisões enchiam-se de individuos de todas as idades e de todas as condições.

Dos christãos novos e dos judeus poucos se furtaram á acção vingadora da justiça.

Alguns fidalgos e pessoas qualificadas mandaram affixar nas portas das egrejas avisos assignados com os seus nomes em que offereciam parte da sua fortuna e até officios e empregos a quem descobrisse o auctor o auctores do sacrilegio attentado. (1)

Outros fugiam de Lisboa e para fóra do reino, comprando ou illudindo a vigilancia das auctoridades.

Era este recurso o unico com que podiam contar o *Trovão* e seus companheiros.

Occultos nas ruinas da abandonada casa do Poço de Entre as Hortas, elles planeavam entre si a maneira de fugirem, sem perda de tempo, antes que a justiça viesse incommodal-os. Não se podiam considerar seguros ali.

Cada murmurio da brisa, cada echo da rua, afigurava-se-lhes a voz de um denunciante.

Ao cair da tarde d'esse dia terrivel, o *Trovão* enchendo-se de animo disse para os camaradas:

— É preciso sair d'aqui. A gente não ha de morrer de inacção e de fome debaixo das paredes d'este pardieiro.

E deliberou-se mandar o *Mata-Judeus* á descoberta.

Mas foi essa uma fugitiva esperança de momento.

O *Mata-Judeus* não lhe foi preciso sair do velho casebre para se assegurar da impossibilidade de realisar os seus projectos.

Bastou-lhe espreitar para fóra pelas fendas das arruinadas paredes para comprehender que estavam irremessivelmente perdidos!

A azinhaga do Poço de Entre as Hortas achava-se como em estado de sitio.

Todas as saidas estavam tomadas por agentes da justiça.

Muitos peões, armados de lança e rodella, formavam um estreito cordão de aço, dominando estrategicamente a vasta area d'aquelles campos em de redor!

(Continúa) *Leite Bastos.*

(1) Textual.

(1) Tudo textual.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.